

A guerra será longa



Por DMITRI TRENIN*

Esta será uma guerra longa, e os EUA, com ou sem Donald Trump, continuarão sendo adversários de Moscou. Para os russos, o que está em jogo nesta luta não é o estatuto da Ucrânia, mas a existência da Rússia

1.

O embaralhamento verbal do atual presidente americano é o estilo caraterístico de Donald Trump. Devem ser monitorados, mas não superestimados: nem numa direção mais favorável, nem numa direção menos favorável para nós. Também deve ser compreendido que Donald Trump não é o “rei” da América e que a “revolução Trump” de que se falava no início do ano parece ter sido substituída pela evolução do próprio Donald Trump no sentido de uma aproximação ao *establishment* americano.

A partir desta posição, faz sentido olhar para os resultados intermediários de nossa “operação diplomática especial” – seis conversas telefônicas entre os presidentes, conversações entre ministros das relações exteriores e assessores de política externa dos chefes de Estado, bem como comunicação em outros níveis elevados.

A parte positiva inclui, em primeiro lugar, o restabelecimento do diálogo entre Rússia e Estados Unidos, interrompido pela administração Joe Biden.

Também é importante que este diálogo não se limite à discussão sobre a guerra na Ucrânia. Oportunidades potenciais de cooperação numa série de áreas são delineadas, da geopolítica aos transportes e esportes. Até aqui, isto não é muito relevante, mas poderá ser útil no futuro. Afinal, a retomada do diálogo, muito provavelmente, não será interrompida sob Donald Trump, embora sua intensidade e tom mudarão.

O diálogo com os Estados Unidos levou à retoma das negociações com a parte ucraniana em Istambul. As negociações em si não têm agora qualquer sentido político, e as trocas de prisioneiros de guerra aconteceram sem elas. É importante, no entanto, que o contato direto com Kiev tenha reforçado a tese fundamental de nossa diplomacia sobre a disposição da Rússia para uma solução política para o conflito.

Estes êxitos são, evidentemente, de natureza técnica e táctica.

2.

Desde o início, era óbvio que não seria possível chegar a um acordo com Donald Trump sobre a Ucrânia em termos que

a terra é redonda

satisfizessem as exigências de segurança da Rússia.

E, claro, ninguém negociaria com Donald Trump às custas da segurança da Rússia. Também seria ingênuo assumir que Donald Trump levará a Ucrânia à “rendição” completa, se unirá ao Kremlin contra a União Europeia e irá para uma “nova Yalta” na forma de um renovado “Três Grandes”, já constituído pelos Estados Unidos, Rússia e China.

Portanto, a página foi virada. O que vem a seguir? É provável que Donald Trump assine os novos atos de sanções, mas, ao mesmo tempo, terá a oportunidade de aplicá-los segundo seu próprio critério. As novas medidas aumentarão a instabilidade no comércio mundial, mas não terão impacto nas políticas russas.

Donald Trump transferirá os restos de armas dos “pacotes Biden” para a Ucrânia e, possivelmente, será forçado a acrescentar algo “por conta própria”, mas, no futuro, a maior parte da assistência militar a Kiev virá da Europa ou através da Europa (Berlim e outros comprarão sistemas americanos e os transferirão aos ucranianos).

Os Estados Unidos continuarão transferindo informações de inteligência para a Ucrânia que são fundamentais para ataques, especialmente nas profundezas do território russo.

A guerra não terminará em 2025. Ela não terminará após o fim das hostilidades na Ucrânia.

Devemos compreender que o atual conflito não tem a ver com a Ucrânia enquanto tal.

Esta é (por enquanto) uma guerra por procuração do Ocidente contra a Rússia. E esta confrontação em si é parte de uma guerra mundial em curso, na qual o Ocidente está lutando para manter a hegemonia mundial.

Esta será uma guerra longa, e os Estados Unidos, com ou sem Donald Trump, continuarão sendo nosso adversário. Para nós, o que está em jogo nesta luta não é o estatuto da Ucrânia, mas a existência da Rússia.

***Dmitri Trenin** é membro do Conselho de Política Externa e de Defesa da Rússia. Foi diretor do think tank Carnegie Moscow Center.

Tradução: **Fernando Lima das Neves**.